

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . . 8500
—Para outras localidades. 9500
Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Bernardo de Passos

BERNARDO de Passos, o grande poeta nado em S. Brás de Alportel, e há anos finado em Faro, grande poeta ainda imerso na névoa do desconhecido neste *mare-magnum* das famas incondicionais, em cujas águas se ufanam de mais notáveis as velas pandas dos nautas aventureiros do *Venha a Nós*, despontou na árvore multi-secular para ser o intérprete lírico da terra algarvia—onde viveu em humildade, onde amou em êxtase, onde morreu em santidade.

E' Bernardo de Passos, temperamento essencialmente cristão, sensibilidade eminentemente lusiada, contemplativa como um pastor e simples como um marinheiro, o poeta nacional do Algarve da conquista—e através da sua melodiosa melancolia o Algarve vem para nós cheiroso de flores e alumiado de graças, uma ou outra vez no burel da penitência, quase sempre transfigurado ao luar dos mais puros véus da castidade.

Por isso, ler os seus versos, percorrer os seus poemas—é quase rezar, é quase comungar.

SOUSA COSTA

Exposição de Fotografias Artísticas do Algarve

Promovida pelos srs. Manuel Xabregas e Eduardo de Sousa, vai realizar-se no próximo dia 28 do corrente, uma interessante exposição de fotografias artísticas do Algarve, no Salão de Festas da Casa do Algarve, em Lisboa, gentilmente cedido pelo sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, ilustre presidente daquele organismo.

Esta exposição é integrada no II Congresso Regional Algarvio. Felicitamos por tal motivo os seus organizadores.

ESPUMAS IRISADAS

A espuma que rebenta em borbotões de tons alvinitentes e irisados, em febris e constantes mutações não cessa de tecer seus rendilhados...

Eleva aos céus: castelos, torres, altivas catedrais, e prateados armoriais, alfanges e florões... Fantasias de sonhos torturados!...

Efémeras miragens que se esvaem num sopro—como a espuma de que saem—voltando às realidades mais estreitas...

Meus versos são espumas irisadas que se elevam em loucas revoadas para logo caírem... já desfeitas!

(Das «Espumas Irisadas»)

OS PAINEIS CHAMADOS de «S. Vicente»

Por MANUEL DOS SANTOS CABANAS

NO meu último artigo, inserto no n.º 826, deste Jornal de 7 do corrente, pronunciei-me acerca da ordem que deve ser dada, na sua colocação, aos Painéis chamados de «S. Vicente» e ainda sobre a identificação da figura central, dos Painéis do «Infante» e do «Arcebispo».

Dei, como soube, as razões por que entendo que os painéis não

constituem dois trípticos, mas sim um políptico e por que, em minha opinião, não reconhecia naquela figura o Santo padroeiro de Lisboa, mas sim a Rainha D. Isabel, esposa de D. Afonso V.

Como disse, não basta para o afirmar, que os painéis tivessem sido encontrados na igreja de S. Vicente de Fora. E' muito pouco para nos convencer.

E, senão, vejamos como o facto se deu.

O Dr. José de Figueiredo, então director do Museu Nacional de Arte Antiga, convicto de ter existido uma escola de pintura primitiva e no seu persistente empenho de o provar com documentos, deambulava constantemente pelos Monumentos Nacionais, em demanda de obras de arte, que eles tão avaramente escondiam. Foi um investigador incansável, a quem a arte portuguesa tanto ficou devendo, por nos ter colocado a par das outras nações cultas, provando com o achado dos painéis, a existência de uma escola primitiva de pintura, na última metade do Século XV.

Um dia, entrou casualmente na igreja de S. Vicente de Fora. No interior dela, trabalhavam num andaime alguns operários. Ao passar, num instinto de defesa naturalíssima no homem, olhou para o andaime no intuito de se desviar de qualquer coisa que porventura lhe pudesse cair em cima. Aconteceu então, que os seus olhos deram com umas tábuas, sobre as quais os pedreiros tinham os pés e pareceu-lhe que elas estavam pintadas. Mandou que as retirassem do andaime e, ao analisá-las depois, verificou que se não havia enganado. As tábuas mostravam-se pintadas, mas não deixavam ver bem o que representavam, por que uma patina poeirenta encobria toda a sua superfície. Foram mandadas recolher ao Museu Nacional de Arte Antiga e aí foram estudadas por técnicos competentes, que as mandaram limpar e radiografar. Sairam, então, os Painéis, embora com grandes estragos, pois faltavam, nalguns pontos, grandes bocados de tinta.

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Grupo Coral de São Francisco

E' este o nome do grupo coral, constituído por vinte e tal elementos, que, sob a inteligente direcção do nosso amigo e conterrâneo sr. Padre Sebastião Viegas Costa, se apresentará amanhã em público, na igreja de S. Tiago, nas solenidades do Mês de Maio, que, conforme noticiamos, ali se vêm realizando.

Duas quadras de amor

Por DAMIÃO DE VASCONCELLOS

ERA uma vez dois namorados: um rapaz e uma rapariga. O rapaz gostou da rapariga e a rapariga gostou do rapaz. Creio que é assim que começam os namoros, ou não será? Estes namoros, ás vezes, acabam por um casamento, outras vezes terminam por se separarem, indo cada um para seu lado arranjar outros amóricos, ficando destes uma recordação, ás vezes saudosa, até que se dê a «topada sentimental», como diz o meu conterrâneo Eça de Queiroz, topada que acaba no matrimónio.

Era uma vez dois namorados: um rapaz e uma rapariga. Será desta feita que esta história verdadeira segue? Bacoreja me que não. O leitor espera que lhe diga

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)

Iveta Ribeiro

Chegou no dia 10 do corrente a Lisboa, vinda do Rio, esta conhecida e distinta escritora e poetisa brasileira, que na nossa capital vem realizar, sob o patrocínio do Liceu Literário Português, daquela cidade, a Exposição do Livro Feminino Brasileiro, a que o «Povo Algarvio» se referiu no seu número de 12 de Fevereiro último.

Segundo informa a Emissora Nacional, a ilustre artista tenciona proferir, também, em Lisboa, algumas conferências.

Revista de Inspeção

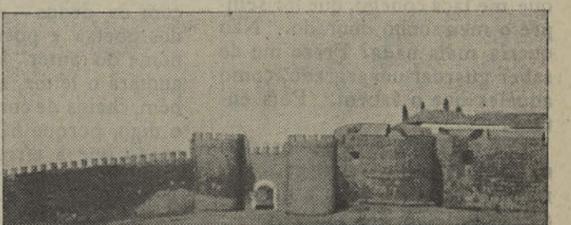
Por determinação de Sua Ex.ª o Ministro da Guerra, não há, no corrente ano, revista de inspeção às praças na situação de disponibilidade, licenciados, territoriais e incorporados na Organização Territorial do Exercito.

CARTA DE VILA VIÇOSA

O CASTELO DE VILA VIÇOSA

IMPORTANTE FORTALEZA MEDIEVAL

de onde partiu o Duque D. Jaime I para a conquista de Azamor



O velho castelo de Vila Viçosa, já restaurado (Gravura pertencente á Casa de Bragança)

POR

LUÍS BONIFÁCIO

No passado dia 3 de Maio, visitei, a convite do Ex.º sr. Dr. António Luís Gomes, Ilustre Director Geral da Fazenda Pública e Presidente do Conselho da Fundação da Casa de Bragança, Vila Viçosa, encantadora terra do Alentejo.

Dessa visita colhi algumas impressões que publicarei neste jornal, esperando, desde já, o bom acolhimento dos meus leitores, se acaso os tenho.

Principiarei pelo Castelo, bella fortaleza que data de há muitos séculos.

Sob um sol escaldante, dei entrada no Castelo, pela porta lateral da esquerda, que se abre para o terreiro. Em frente, a velha igreja de Santa Maria do Castelo, hoje denominada de Nossa Senhora da Conceição, matriz da vila.

E' um belo templo, cuja data da sua fundação não está, verdadeiramente, averiguada; todavia, sabe-se que a primitiva igreja data do tempo de D. Fernando I. Reedificada diversas vezes, a igreja conserva hoje um interior simples, mas onde não faltam esplêndidos azulejos; lajeados de fino mármore de cores, em xadrezes azuis e brancos. Aqui

reposa o cadáver do Ministro Francisco Xavier de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, falecido em 15 de Novembro de 1769. Esta igreja é conhecida, por ser a primeira que na península se fnudou com esta invocação e por ser a cabeça da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, (CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse Mundo fora...

O Príncipe Carlos, regente da Bélgica, publicando um decreto de dissolução do Parlamento e marcando eleições gerais para 4 de Junho próximo e a reunião conjunta de senadores e deputados para 20 do mesmo mês, pôs termo à crise belga que durante semanas se arrastou. O governo de Eyskens mantém-se no poder e agora só se pensa na propaganda eleitoral, sendo encarniçada a luta que se vai travar entre católicos, liberais e socialistas para obtenção da maioria nas Câmaras.

Os comunistas estão, cada vez mais, a perder terreno. Assim na Austrália, onde o Partido Comunista preparava um plano para o caos nacional, de acção indus-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse País fora...

Em Famalicao foi inaugurado, com a presença do titular da pasta das Obras Públicas e do sr. Cardial Patriarca de Lisboa, o bairro de casas económicas «D. Manuel Gonçalves Cerejeira». No acto inaugural o eminente Prelado afirmou ser-lhe grato verificar que o seu nome fica ligado àquela festa, mas considera o facto uma glória à Igreja.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Por esse País fora...

Em Famalicao foi inaugurado, com a presença do titular da pasta das Obras Públicas e do sr. Cardial Patriarca de Lisboa, o bairro de casas económicas «D. Manuel Gonçalves Cerejeira». No acto inaugural o eminente Prelado afirmou ser-lhe grato verificar que o seu nome fica ligado àquela festa, mas considera o facto uma glória à Igreja.

HERNANI DE LENCASTRE

Desolação

Partiu o Sol amigo.
Espelto ao meu postigo
e vejo escuridão.
Chovem pinguitos de água.
Cá dentro, funda mágoa
e triste solidão...

Onde estás, alegria?
Mágica fantasia
do meu pobre sonhar!
Uma estrelinha fito
e num tormento aflivo
contínuo a olismar.

Porque nasci, oh céus!
Porque existo, meu Deus,
abandonada e só?!...
A alma em nós é tudo,
que o corpo nu e mudo
é simplesmente pó.

Alma! P'ra que fugiste
errante pelo mundo
a procurar amor,
se ele só existe
e se revela em tudo
No Verbo do Senhor?!

Alma! Não chores tanto!
Enxuga a dor e o pranto
e vai pelos caminhos
Contente de viveres
e de também sofreres
para ganhar o céu.
Que o Céu dos pobresinhos
seja também o teu!

M. L.

Sociedade Columbófila
Tavirense

No passado domingo, realizou-se mais uma grandiosa corrida de pombos correios, a qual foi disputada por várias parrelhas e teve como ponto de partida Ermidas Sado.

Classificaram-se no 1.º e 2.º lugares as parrelhas do sr. Rolando Matos; 3.º, José F. dos Santos e 4.º Manuel Carvalho.

Gastaram no percurso de 125 km., 1 hora e 34 minutos, com a velocidade média de 1.328 metros por minuto.

Foram controlados pela seguinte ordem:

1.º—9 horas e 34 minutos; 2.º—9 horas e 34 minutos; 3.º—9 horas, 35 minutos e 30 segundos, e 4.º—9 horas e 50 minutos.

Duas quadras de amor

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

os nomes dos namorados e a terra que foi palco da cena? Engano: não digo os nomes, nem que me faça cónego, que foi sempre o meu sonho dourado. Não queria mais nada? Prezo-me de saber guardar um segredo, como aqueles que o sabem. Pois então?!

Era uma vez dois namorados: um rapaz e uma rapariga. Parece-me que desta vai a história até ao fim. A ver vamos.

Pois é verdade, sim senhor, já se vê, como ia dizendo, voltando à vaca fria, á cepa torta, ou á mesma, era uma vez, dois namorados: um rapaz e uma rapariga; ele gostou dela e ela gostou dele.

Foi assim mesmo, tal e qual, exactamente, sem tirar nem pôr, que o caso se deu.

Começou o namoro e depois, não sei como isto foi, seguiu-se o clássico *gargarejo*: ela, á janella; ele, na rua, fazendo o quarto sentinella. Até rima. Estou que é assim nos *gargarejos*. Conversa vai, conversa vem; era no verão, sob um luar romântico que alagava ceus e Terra.

Já repararam que a Lua tem imensa influência nas cenas amoradas? Mau, não divaguemos, porque esta história deve ter um fim.

Ora, não sei porque artimanhas do mafarrico, os nossos namorados arrufaram-se. Coisas que acontecem, não é verdade? Mas dias depois ele voltou ao *gargarejo*; são eles sempre que voltam ás pazes, não sabiam? E como ela balbuciasse umas dúvidas acerca da sinceridade amorosa dele, vai o namorado disparar-lhe esta quadra sentimental, expressiva e convincente:

*Pode o ceu criar batatas
e as estrelas no mar andando,
mas eu deixar de te amar,
isso está-se ninando.*

Esta quadra mimosa, dizia ele que a fizera repentinamente, logo a seuir aos queixumes dela.

Era mentira, como mentiras

A Casa do Algarve

PRESTOU HOMENAGEM

ao Major Mateus Moreno

Palavras proferidas pelo Major Mateus Moreno no jantar em sua homenagem promovido pela Casa do Algarve, em Lisboa, em 2 de Maio de 1950:

Meus Amigos, Patrícios: Obrigado Por tantas, tantas provas de afeição! Sinto que me é pequeno o coração Para a todas dar justo galardão!

O homem—Prometeu agrilhoado Aos Cáucos da própria condição— Pode contudo, às vezes, num clarão, Sonhar-se aos altos Páramos levado.

Pois tal me sonho agora, na verdade, Envolto nos clarões desta amizade Com que me acolhe a vossa fidalguia.

Cavaleiro da intrépida peleja Por Portugal Maior, quero que seja Nela sempre primeira a alma algarvia!

Sempre primeira, sim, meus queridos patrícios, minhas amáveis e tão generosas patricias, meus dedicados companheiros dos inolvidáveis tempos da esturdia escolar, meus indefesos camaradas das persistentes batalhas do espirito em prol do engrandecimento, valorização e projecção no mundo da nossa pequenina doce pátria comum—o Algarve!

«Recordar é viver»—diz-se hoje ainda, apesar de todos os desmorteadores avanços atómicos e hidrogénicos que as novas artes de destruir trouxeram às forjas de Maquiavel.

Mas para que recordar possa exprimir em nós, realmente, um reflexo da própria vida que se viveu, é indispensável que esta não seja apenas «sombra que foge» ou nuvem que voa», como num doloroso momento negativo lhe chamou um dia João de Deus.

«Mais do que simples pena caída. De asa de ave ferida. De vale em vale impelida», pelo vento, a nossa existência terrena antes deverá ser um misterioso livro em cujas páginas nuas as mãos do Destino vão, dia a dia, hora a hora, instante a instante, assinalando cada passo da sua derrota nas marchas para o Ignorado.

Se as várias etapas destas marchas são dignas de ser recordadas, como

são muitas afirmações entre namorados, que não dêram a «topada sentimental» do Eça. Via eu fazer ao poeta semanas antes do arrufo, contando as sílabas com os dedos—mímica mágica dos poetas e poetinhas. Mas o nome do autor da quadra, perguntará o leitor, e a leitora também, cheios de curiosidade. Não o digo, porque não quero: é segredo que a terra ha-de comer. Que linda imagem! Não acham? A terra a comer o nome dum poeta!... Pois é assim mesmo, e quem assim não quiser que se rale, que eu estou me ninando, tal como o verso da quadra famosa.

Se fosse hoje, ensinaria ao namorado poeta uma quadra bela que encontrei num livro que estou lendo, bela entre as mais belas e própria para a ocasião daqueles arrufos.

Porem, hoje é tarde para lha ensinar. E' a seguinte:

*«Chamaste-me tua vida,
e eu tua alma quero ser;
a vida acaba co'a morte,
a alma não pode morrer».*

Esta quadra, transcrita do livro que estou lendo, é precedida das palavras seguintes:

«Um ai, um suspiro de amor, de saudade, de alegria e de morte, tem 7 tons. O homem do povo, analfabeto, canta e chora, fazendo quadras, com versos de 7 sílabas, medindo-os pela medida natural da sua respiração. Em todos os povos, a poesia do folclore prova isto. E' o verso chamado «redondilha»; o *folego natural*, «redondo», da vida e á medida. Exemplo da mais bela quadra portuguesa, com versos de 7 sílabas: a quadra atrás.

Uff!... Alfim cheguei ao cabo desta história verídica. E enchi uns quantos linguados, com uma só utilidade para quem me lê: a beleza da segunda quadra, que o leitor pode cantar ao luar ao som duma guitarra, nas noites românticas de Agosto.

Damião de Vasconcellos

lanços de uma ascensão para a Eternidade; se nelas nunca nos desviámos das leis verdadeiras que dão cor á virtude e, portanto, motivos de orgulho ao sentido espiritual da vida; se tais etapas constituem, realmente, em nós, marcos miliários de uma acção útil, nunca poderemos deixar de ser conveniente e grato ao nosso guia eterno — a alma —, fazer de vez em quando umas pequenas paragens, nos seus degraus cimeiros, para daí aspirar o hálito de uma confiança nova.

Vida em que tais paragens se não possam ou não devem efectuar, vida que em si mesma petrifique o ritmo de toda a emoção criadora,—perdõem-me os felizes adoradores dos exclusivismos materiais—será sempre vida a que jamais interessará aplicar a sabedoria do velho proloquio...

E o que se pode assim dizer da vida, só aparentemente transitória, do indivíduo, com mais forte razão se poderá afirmar da de todo o agregado humano, nas suas múltiplas expressões étnicas e sociais, ou meramente políticas.

Especiais laços espirituais me ligam á vida da Casa do Algarve em Lisboa, —e sinto-me satisfeito de poder apreciar ainda os vincos que nos pulsos da alma eles me deixaram.

Em ligeira exortação, como modesto componente dos seus corpos directivos de 1930 a 1934, salientei, neste último ano, subordinarem-se ás duas seguintes ordens de princípios fundamentais as linhas mestras das actividades dessa primeira fase do organismo:

a) Pressão constante junto das entidades oficiais e do público, para que o Algarve deixe de continuar a ser uma provincia sistematicamente ignorada ou esquecida dos representantes de Poder e até, muitas vezes, dos próprios naturais;

b) Possível orientação do ambiente local, para uma coesão maior no sentido do triunfo das aspirações legítimas da provincia.

Com íntima satisfação verifico que a esta mesma luz se inspiraram os devotos abencerragens—que, após alguns anos de denegrante apatia espiritual, na colónia algarvia de Lisboa, conseguiram alfim levar a efeito o ressurgimento da sua Casa Regional.

Bem hajam, pelo muito que, tanto a referida colónia como toda a provincia, já lhes devem também!

Entre algumas das iniciativas que naquele já distante ano de 1934, ao partir pela primeira vez para Africa me permitia confiar ao carinho das Direcções de que tinha de afastar-me, enumerava as seguintes:

1.º—Execução de um rigoroso cadastro da mendicidade algarvia de Lisboa e instituição de um «Recolhimento» e de uma «Sopa Económica» de que pudessem participar os algarvios sem trabalho e os inválidos;

2.º—Instalação e inauguração oficial, na sede da agremiação, do projectado e tão necessário «Museu de Amostras de Produtos Comerciais e Industriais Algarvios»;

3.º—Realização de um filme de propaganda turística do Algarve, sobre argumentos baseados nas partes consideradas mais adaptáveis dos trabalhos classificados no concurso aberto para tal fim;

4.º—Realização do 2.º Congresso Regional Algarvio, para o que deveria ser nomeada imediatamente, pelo Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, uma Comissão Central Executiva, em Lisboa, e uma Comissão Distrital do mesmo Congresso, na capital da provincia.

«A favor do Natal dos nossos patrícios pobres e das casas de beneficência da provincia,—acrescentava—já estão em projecto várias festas na sede do grémio e já se conseguia de diferentes firmas de Lisboa a oferta de percentagens, para tal fim, na venda dos seus produtos. Em vez de vestes,—esclarecia—resolvemos este ano distribuir alimentos e dinheiro, limitando assim os encargos individuais dos benfeitores e tornando ao mesmo tempo mais acessível ao concurso de todos a obra de benemerência, que é já uma tradição da Casa do Algarve».

Se nem todas estas iniciativas e aspirações conseguiram já, é certo, o eco desejado nas possibilidades realizadoras da instituição, na sua fase actual, bastar-nos-á, no entanto, verificar que o 2.º Congresso da Provincia, em pleno e optimo andamento, ficará constituindo obra sua.

Como mensagem da numerosa colónia algarvia de Angola—grande e progressiva parcela de Portugal Africano, de cuja capital acabo de regressar, após cinco anos de actividades espirituais em que, como sempre, nunca deixei de sobrepor o culto de bem servir ás meras preocupações do burocrata; como mensagem desse admirável punhado de portugueses de lei, com quem mais de uma vez estabeleci inolvidáveis contactos no característico ambiente da sua tão acolhedora cidade de Moçâmedes,—oportunas seriam, neste momento, algumas palavras sobre as notas mais afirmativas da presença do Algarve no seu glorioso esforço colo-

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Julieta Irene Soares Ramos Palma e D. Aurea Augusta dos Mártires Conceição Barradas.

Em 15—D. Maria Adelina Corvo Pires, D. Maria da Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Caetana do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, menina Maria Luísa Fialho Gomes e sr. António dos Ramos Vaquinhas.

Em 17—D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas e D. Maria Julieta d'Oliveira Cruz.

Em 18—D. Maria Celeste Pires Cruz Santos, D. Mariana José Mimoso Faísca, menino Manuel Alexandre dos Santos e srs. Joaquim Gil Madeira Teixeira e Eurico Faustino e Horta.

Em 19—Menina Ofélia Maria Augusta de Azevedo Pereira e sr. João Gago da Graça.

Em 20—D. Maria da Conceição Pires Cruz Lança e sr. Laurentino de Jesus Gonçalves.

Partidas e Chegadas

A fim de tratar de assuntos referentes á sua arte, foi á Capital a sr.ª D. Maria Sebastiana Andrade Ferreira, cabeleireira de senhoras, esposa do nosso assinante sr. Damião José Afonso Ferreira.

—Vimos nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Dr. João Maldonado Centeno, distinto advogado, em Lagos.

—De visita a sua familia, esteve nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Luis Arnedo, proprietário, residente em Lisboa.

—No gozo de licença, esteve nesta cidade o nosso assinante sr. Manuel José Félix Diogo, residente em Lisboa.

—Esteve há dias nesta cidade o sr. Augusto Teodoro Bandeira, proprietário, residente em Lisboa.

—No gozo de licença, encontra-se nesta cidade, com sua esposa, o nosso conterrâneo sr. Sebastião dos Santos, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Torres Vedras.

—Com sua esposa, regressou de Lisboa o sr. João Aldomiro de Sousa, farmacêutico, nesta cidade.

Neurologia

Quando vinha em viagem de regresso para Portugal, no Porto de Timor, faleceu no passado dia 20 de Abril o sr. José Pereira, 1.º sargento do Exército.

A noticia do nefasto acontecimento só chegou no passado dia 10 de Maio.

O falecido, que contava 43 anos de idade, deixa viuva a sr.ª D. I. lilia Azinheira Costa Pereira, natural desta cidade, e dois filhos menores, os meninos Braulio Esmar da Costa Pereira, de 13 anos, e a menina Laura Maria Azinheira Costa Pereira, de 3 anos.

A familia enlutada endereçamos sentimentos pêsames.

Os Paineis chamados de «S. Vicente»

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

O resto foi feito pelo conservador do museu, mestre Luciano Freire, que conseguiu com cuidados infinitos, despojá-las da patine de sujidade, que o tempo lhe imprimiu, e das camadas de tinta das várias repintagens que sofreram no decorrer dos séculos. Por último, uma espessa camada de verniz, que lhe servia de vidraça. Retirada esta, toda a riqueza de composição e de colorido apareceu. Foi, então, que o grande mestre restaurador Luciano Freire procedeu ao actual restauro, que nos permite hoje avaliar e estudar o grau elevado que atingiu a nossa pintura no Século XV, muito especialmente no que respeita a composição e desenho.

Será isto o suficiente para se se aceite, indubitavelmente identificada a figura central dos Paineis do «Infante» e do «Arcebispo», como sendo S. Vicente?

Acho que não. Pelo menos, entendo que devem ser minuciosamente estudadas todas as circunstâncias que o problema logicamente nos apresenta. Nada há que

nizador, se elas não traduzissem, realmente, imoderado abuso... de uso da palavra que me foi concedida.

Reservá-las-ei, portanto,—no caso de interessarem, de facto, para ocasião que o Ex.º Presidente da Direcção da Casa do Algarve e meu distinto Amigo, sr. Dr. Ferreira d'Almeida, considerar mais propicia.

Ao erguer a minha taça, num brinde de comovido agradecimento pela ideia gentil desta reunião,—a que nem faltou, para em tudo ser grata á minha sensibilidade, o coração bondoso da mulher algarvia,—ao erguer a minha taça eu não posso deixar, contudo, de pedir já também a todos os presentes que me acompanhem num outro brinde, não menos entusiástico, a todos os algarvios que, onde quer que seja, nunca se esquecem de que o são.

Pela Casa do Algarve, pois: Hip!

Hip! Hurra!

Pelo orgulho de ser Algarvio! Hip!

Hip! Hurra!

PELA CIDADE

Teatro António Pinheiro—Espéc-táculos da semana.

Hoje, apresenta em reprise um novo grande filme português *Sol e Touros*. Uma história de amor verdadeiramente popular, com o famoso matador de touros Manuel dos Santos, a simpática e insinuante vedeta Leonor Maia, «Tatão», e a grande revelação feminina Ana Paula.

Um notável elenco com: Erico Braga, Costinha, Eugénio Salvador, Emilio Correia, Eulália Del Pine, Maria Olguim, Pedro Navarro, etc.

Dois Fados por: Amália Rodrigues e Fernanda Baptista.

Touradas emocionantes.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Símplicio.

Ainda a revogação da lei de banimento

UMA CARTA
do Senhor Dom Duarte
a António Cabreira

«Guntén, 30 de Abril de 1950.

Meu caro António Cabreira:

Sensibilizado, agradeço as suas lindas palavras que bem manifestam a sinceridade da sua dedicação de sempre.

Sei que, também a si, essa justa reparação deve ter proporcionado uma grande alegria. Para Deus, o tempo não conta, mas para nós, mortais, um século de exílio representa uma dolorosa eternidade.

Deus tenha o meu caro António Cabreira em Sua Santa Guarda.

a) DUARTE

António Cabreira, «como português e velho soldado da Causa do Direito», felicitara o Augusto Representante dos Reis de Portugal pelo histórico voto da Assembleia Nacional o qual, acrescentou, «tem o timbre e a luz da alvorada triunfal de uma Era de Justiça...».

(A Voz, de 6 de Maio de 1950)

nos possa garantir que os painéis fossem pintados para a igreja de S. Vicente de Fora, em homenagem ao Santo e que por este motivo esteja justificada a sua figuração ali. Além disso, não se concebe que, tratando-se de um só assunto, como está provado que se trata, constituído por duas tábuas centrais e por quatro volantes, se fizesse figurar o Santo em duas delas. E tanto assim é, que, para justificar aquela absurda identificação, tiveram a necessidade de dividir os painéis em dois tripticos, contrariamente a tudo quanto a sua observação nos sugere, simplesmente, para que em cada um deles, figurasse o Santo.

Quanto á realização da grande obra e ao que ela representa no tempo e no espaço, nada se sabe de positivo. A falta de documentos que provem o que ela significa tem levado os maiores críticos de arte e historiadores a torçarem as suas armas no campo das hipóteses, onde, até hoje, ainda se não fez luz suficiente para nos tirar de dúvidas, quanto á sua verdadeira interpretação. As conclusões a que têm chegado não vão além, que eu saiba, de simples opiniões, bem diversas por sinal, mas todas mais ou menos discutíveis.

Não se vá supor, que pretendo fazer luz sobre o assunto, trazendo para aqui matéria nova. Nada disso. Não tenho a estulta pretensão de resolver tão intrincado problema. A minha mais que modesta categoria de simples cultor de uma arte menor e ainda a insignificante cultura com que estou apetrechado não me permitem «meter foíce em seara alheia».

(Continúa)

Manuel dos Santos Cabanas

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Tratamentos e Títulos

No Boletim Cultural e informativo da *Sociedade de Língua Portuguesa — A Bem da Língua Portuguesa*, publica o Professor Vasco Botelho de Amaral um interessante artigo sobre tratamentos e títulos de várias personalidades.

Insurge-se contra o abuso do título de doutor.

Assim, entende que é preferível a denominação de médico a de doutor.

Porque médico indica determinada profissão, ao passo que doutor é expressão vaga aplicada a muitas profissões.

Assim, diz que, «Na verdade, não há talvez hoje palavra com maior gasto nas fórmulas de tratamento do que esta de *doutor*, nem anteposição titular mais frequente do que a do Dr.

«Acresce que não só os médicos são doutores. Os advogados,

os professores secundários e universitários e muitas outras profissões são pleiéricas de doutores!!!

«Já se diz, e com certa razão, que Portugal é a terra dos *doutores!!!*

«Aquele ditério que era assim — «De médico e louco todos temos um pouco» tem visos de passar a ser — «Em Portugal, de *doutor* e de louco todos temos um pouco».

«E já agora um louvor tanto aos médicos como aos advogados que, nas suas tabuletas e nas receitas, enfim, nos vários impressos em que uns e outros marcam, estampam, imprimem ou gravam seu nome, fazem esta inscrição sensata — «Fulano de tal, *médico*»; «Cicrano de tal, *advogado*».

«Este processo ajuda a educar o povo, de ele melhorar da doença colectiva dos *doutores*».

Entendemos que tem muita razão.

O falecido Dr. Agostinho de Campos disse certa vez que, dr. ou Dr. era apenas um título que em Portugal não significava qualquer profissão ou curso.

Sobre *professores*, diz ainda o mesmo autor:

«Há tempos, li um artigo onde certo escritor, creio que professor universitário, protestava contra o tratamento de *professor* dado a todo e qualquer professor. Ora estes ciúmes têm de acabar.

«Professor é tanto o primário, como o secundário, como o universitário.

«E todos eles têm direito a abreviatura profissional de «prof.».

«O título geral de *professor* é o título que mais convém a todos os professores que se prezam de o ser.

«Quanto á ciumeira por causa das abreviaturas, aqui venho propor um processo prático para todos os professores.

«Aos mestres universitários que se *doutoraram* cabe o título de Doutor com um D maiúsculo e o resto da palavra por extenso. E' perfeitamente lógico a anteposição da palavra *Professor*, com P também maiúsculo e com a restante parte da palavra por extenso ou em abreviatura — *Prof.*»

Os outros professores usariam a palavra *professor* com p pequeno e a abreviatura *prof.*

— Esta faz-me lembrar um caso decorrido há muitos anos no regimento de Infantaria 16.

Um capitão perguntou a um soldado como se chamava. Este respondeu: Manel Pina.

O capitão observa-lhe que ele está enganado. Não pode ser, diz, Pina sou eu.

O meu Capitão, eu sou Pina; tenho um irmão também Pina; meu pai é Pina, e meu avô também era Pina.

Pois bem, tu serás pina, mas com p pequeno, porque Pina com P grande sou só eu.

Campos Palermo

Obras manuscritas de António da Fonseca Soares

(Frei António das Chagas)

Anda dispersa em arquivos e bibliotecas do País, públicas e particulares, a obra deste poeta, que foi um dos autores mais fecundos do nosso século XVII e talvez o melhor representante do lirismo barroco em Portugal. Há numerosos manuscritos que contêm produções suas e outras que lhe são atribuídas. Importa separar o que é seu do que lhe não pertence e é da autoria de poetas contemporâneos, tais, Jerónimo Baía, D. Tomás de Noronha, Bacelar, Serrão de Castro e outros. Urge portanto, pelo confronto dos manuscritos, apurar o cânone da obra de cada um destes autores. Está em curso este meritório trabalho para a obra de António da Fonseca Soares (Frei António das Chagas). Pedimos, pois, no sentido de auxiliar esta iniciativa em prol da cultura nacional, a todas as pessoas particulares, assim como aos arquivos e bibliotecas de Província, municipais, etc., que guardem manuscritos de poesia do século XVII com obras atribuídas aos autores citados, o favor de uma comunicação para o *Centro de Estudos Filológicos* (Trav. do Arco a Jesus, 13, Lisboa), para estes manuscritos serem

Por esse País fora...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ja, cujo símbolo traz no peito, suspenso de um cordão de ouro, que foi a prenda do casamento do autor dos seus dias a sua santa mãe.

Em Abrantes realizou-se o Cortejo de Oferendas, a que assistiu um representante do sr. Subsecretário da Assistência que contribuiu com a quantia de dez mil escudos. A receita que deverá ser distribuída pela Santa Casa da Misericórdia (75%) e restantes instituições de beneficência deve ter sido para mais de uma centena de contos e no cortejo incorporaram-se grupos folclóricos e filarmónicas locais, representações de grupos desportivos e da M. P. e muito povo.

O sr. Subsecretário de Estado da Agricultura esteve em Viseu em visita oficial, onde tomou conhecimento das necessidades instantes da região, tendo afirmado que o Governo não se tem esquecido das dificuldades da Lavoura, antes tem procurado dispensar-lhe todo o auxílio para lhe melhorar as condições de vida, pois essa melhoria está intimamente ligada à reconstrução da nossa economia, e declarando que vai ser instalado na Estação Agrária um Centro de Preparação Profissional.

Realizaram-se em Lisboa várias cerimónias integradas na Semana da Marinha, dentre as quais os juramentos de bandeira dos novos recrutas e dos cadetes, um desfile pela Avenida da Liberdade, uma exposição sobre as marinhas Mercantes, de Pesca e de Recreio, no Secretariado Nacional de Informação, a deposição de um ramo de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra e uma sessão solene na Sociedade de Geografia.

Com a assistência de trezentos professores dos concelhos de Torres Vedras e de Sobral de Monte Agraço e sob a presidência do director geral do Ensino Primário, realizou-se na primeira daquelas localidades o 2.º Curso de Aperfeiçoamento para o Magistério Primário, durante o qual foram feitas pequenas palestras de inestimável utilidade para todos que a ele assistiram. Do programa fizeram parte lições de ditado, aritmética, redacção, geografia, língua, história e outros assuntos de grande interesse para a classe.

Desde 1534 que Sesimbra, a piscatória e laboriosa vila estremenha realiza a 4 de Maio a sua comvente manifestação de fé: a procissão do Senhor das Chagas. Este ano, mais uma vez, o grandioso cortejo foi até ao mar pedir ao Senhor coragem e protecção para a labuta diária, no que foi acompanhado pelo sr. Bispo de Priene que pronunciou uma alocução adequada e pelos srs. Governador Civil do Distrito e presidentes das Câmaras de Setúbal e de Sesimbra.

IMPARCIAL

Agradecimento

Maria da Encarnação Viegas Maninho Ramos, na impossibilidade de poder fazer-lo pessoalmente, vem por este meio paten-tear o seu profundo reconhecimento e agradecer a todas as pessoas que a visitaram e se interessaram pelo seu estado de saúde durante a pertinaz doença de que foi acometida.

BICHAS

Vende Aldemo José Calço, Barbeiro—Tavira.

mencionados na Bibliografia em preparação que deverá publicar-se ainda neste ano de 1950. O Centro de Estudos Filológicos prontifica-se a retribuir pelo envio das suas edições já raras de obras de Gil Vicente, Lopo d'Almeida, etc., as indicações úteis que a este respeito lhe forem facultadas.

Carta de Vila Viçosa

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

instituída por D. João VI, no dia da sua coroação.

A' direita da igreja, algumas casas dão-nos a impressão de uma pequena aldeia, escondida entre as flores e árvores. A' esquerda, o velho cemitério, bem tratado, onde ainda existem sepulturas antigas, entre elas uma, a de Joaquim Militão Sardinha de Gusmão, coronel, falecido em 4 de Janeiro de 1878.

As casas construídas junto à igreja foram mandadas fazer pelo 4.º Duque de Bragança, D. Jaime. Eram destinadas aos servos, adegas e estrebarias denominadas «lha», por se encontrarem fechadas.

Acerca da história do Castelo, o General João de Almeida (1) diz-nos:

«Em toda a coroa do outeiro, na parte das vertentes das bandas do norte e noroeste, assenta uma importante e impressionante fortaleza medieval, recentemente restaurada, ampliada pelas fortificações de uma praça de guerra. Dada a sua natureza e situação e o valor militar da posição, e tendo-se em vista os vestígios que ainda perduram nas circunvizinhas de Vila Viçosa, os numerosos achados das idades da pedra e dos metais e ainda de certos caracteres antropológicos que persistem nos seus habitantes, nós temos como certo que a sua primeira fortaleza consistiu num castro de povoamento neolítico, cujo nome se perdeu da memória dos homens.»

Aqui se acolheram, em meados do sec. XI a. C., os Cúneos e os Túrdulos. Três séculos antes os Celtas e Celtiberos, tomaram a fortaleza a quem deram o nome de Lancóbriga ou Lacóbriga; nome que se estendia a toda a região de entre Pardais, Vila Viçosa, Bencatel e Alandroal. A seu turno, os Romanos, às ordens do consul Quinto Nobilior, ocupariam a Lancóbriga lusitana, em data que não é possível determinar com decisão, mas presumivelmente no ano 143 a. C. Mais tarde, já durante o governo de Sertório na Lusitania, provavelmente em 79 a. C., a fortaleza teria sido remodelada, segundo a técnica castrense romana, depois de levantado o cerco que lhe pusera Cecilio Metelo Pio, pró cônsul de Syla. Ainda hoje existem vestígios destes trabalhos, que transformaram Vila Viçosa numa forte base militar de ocupação e importante centro político, comercial e agrícola.

Os Vândalos, em 411, na sua marcha para a Andaluzia, saquearam e desmantelaram a fortaleza romana de Lancóbriga. Esta foi depois restaurada e repovoada pelos Alanos, em 413, mas recuperou apenas uma parte da sua antiga importância. Os Visigodos, após uma defesa heroica dos Lusitanos, apoderaram-se de Lancóbriga, em 632. A fortaleza ficou então em ruínas,

entrando a vila logo em decadência, apesar de ter sido, em 633, elevada á dignidade episcopal.

Fácilmente conquistada pelos Mouros, em 714, teriam estes reedificado a cidadela, que é a que ainda hoje existe, e reconstruído a cerca amuralhada, para defesa da povoação, que em breve readquiriu parte do seu antigo esplendor.

E' de supor que tivesse desempenhado papel de relevo durante as lutas entre Portugueses, de uma banda, e Mouros e Castelhanos, de outra.

Sabe-se que foi conquistada por D. Afonso II, em 1217. Tornando a cair em poder dos Mouros, foi definitivamente retomada por D. Sancho II, em 1226, mas a fortaleza medieval só foi reedificada por D. Afonso III, em 1267, ano em que fundou a actual vila fora das muralhas, á qual concedeu foral em 1270. A fortaleza constava de uma alcáçova ou cidadela, na coroa do cabeço, e de uma cerca torreada, em forma de trapézio, na encosta do nordeste, com três portas, a de Estremôz a norte, a de Evora a poente e a de Olivença ou do Sul a sul, todas defendidas por dois torreões.

D. Fernando, na preparação da campanha para a projectada conquista da Galiza, mandou em 1375 fazer novas obras de defesa na fortaleza, entre elas a torre de menagem ou da Porta, fora das muralhas e ligada a elas por um alto passadiço. Sob este passadiço ficava a porta de entrada, a de Elvas, assim por ele defendida, e que foi então aberta da banda do poente, e que era também defendida por duas torres quadradas. Mandou fazer mais duas torres da banda do norte e uma da banda do nascente, eucastreadas nas muralhas, para reforço da sua defesa.

D. Manuel concedeu foral novo a Vila Viçosa, em 1 de Junho de 1513.

Sendo pertença de D. Nuno Alvares Pereira, a vila passou á posse da Casa de Bragança, com seu palácio senhorial dentro da alcáçova, e dali partiu o duque D. Jaime I para a conquista de Azamor. D. Jaime, quando voltou, mandou remodelar a cidadela com a abertura de canhoneiras em túneis, a meia altura das torres, em terraços para instalações de artilharia, como já era usado por nós nas praças de Marrocos, e fora aproveitado das fortalezas mouriscas. (2)

Luís Bonifácio

NOTA — 1 e 2 do III vol. do «*Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*» — 1948 — pags. 269/274 pelo General João de Almeida.

Assine o «Povo Algarvio»

MOTORES MARITIMOS

Em exposição para entrega imediata.

B. & W. ALPHA

90/100 H. P. e 180/200 H. P.

450 R. P. M. com veio, manga e hélice. Outros modelos até 240 H. P. para entrega imediata na Fábrica (Dinamarca).

JUNE MUNKTELL

120 H. P. e 150 H. P.

300 R. P. M., com veio, manga e hélice em bronze. Outros modelos de 10 H. P. a 300 H. P. para entrega imediata na Fábrica (Suécia).

Representantes Exclusivos

H. VAULTIER & C.ª

Em toda a parte do Império Português

Trygw Ise, secretário geral da Organização das Nações Unidas, encontra-se em Moscovo a conferenciar com os altos dirigentes russos, dentre os quais Estaline, tendo declarado aos jornalistas que espera da sua visita e das trocas de impressões efectuadas resultados favoráveis dentre os dois ou três próximos meses. Consta que um dos problemas a ser tratado é o da representação chinesa no Conselho de Segurança daquela Organização.

No Parlamento de Bonn, o chanceler alemão Adenauer fez um apelo angustioso a todo o Mundo e em especial ás potencias ocidentais no sentido de apoiarem a deligência de se saber da sorte de centenas de milhares de prisioneiros alemães que se encontram na Rússia já passados cinco anos do fim das hostilidades. O chanceler também aludiu com tristeza ás dezenas de milhares de alemães ocupados em trabalhos forçados no referido País.

IMPARCIAL

EQUIPAMENTOS RÁDIO-TELFÓNICOS

DOLPHIN

(INGLÊS)

Emissor-Receptor num conjunto compacto e oferecido a um preço bastante inferior a qualquer outro equipamento semelhante.

ROBUSTO E DE FACIL MANEJO

Assegura **Comunicações Telefónicas** regulares a grandes distâncias de BARCO para BARCO e de BARCO para TERRA

Próprios para: GALEÕES, TRINEIRAS, ARMAÇÕES, Etc.

Assistência Técnica gratuita durante um ano

Peça esclarecimentos e aprecie o material na

Rádio Reparadora do Sul
OLHÃO

Já V. Ex.^{as} provaram o vinho da marca
NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS

Ao Público

Já viram a grande redução de preços que se está fazendo nas «Casemiras» e «Algodões», por motivo de balanço?

Aproveite e vá V. Ex.^a á**Competidora Neves**

onde se estão a saltar muitos optimos artigos, para dar entrada a novas fazendas.

Não deixem os Ex.^{mos} fregueses e amigos de fazer uma visita a este estabelecimento para ver e crer.

A VISTA FAZ FÉ

Ide á **COMPETIDORA** de José Augusto Neves, Praça da República, 28 e 29 - Tavira

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zofy, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira**JOP****JOPINHAL**

Vinhos de mesa

PROPRIEDADE

Vende-se, no sitio da igreja, na Conceição que se compõe de Horta e sequeiro, com diverso arvoredor e boa casa de moradia, junto à estrada nacional.

Quem pretender dirija-se a José António Vidal na mesma propriedade.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório do solicitador Carmo Peres

CALDEIRA

Para destilação. Em bom estado, própria para 12 medidas. Vende se.

Nesta Redacção se informa.

O melhor e mais util presente de noivado é uma máquina de coser

“OLIVA”

a já afamada marca portuguesa construída em Portugal, por artistas nacionais.

“OLIVA”

E' a alegria da mulher e do lar. Lindos e modernos móveis. Vendas a pronto ou a prestações. Peça uma experiência ao agente nesta localidade

João Basilio Correia
Rua Almirante Reis — TAVIRA

PIANO

Alemão, armado em ferro, em bom estado. Compra-se. Nesta Redacção se informa.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

ROENTGENDIAGNÓSTICO
TOMOGRAFIA
ELÉCTROTERAPIA

Mudou o consultório para a
Rua Castilho, 37

TELEFONE 368 **FARO****HORTA**

Vende-se, com abundância de água, bom terreno e com casas de habitação, no sitio da Igreja junto à aldeia da Luz.

Quem pretender dirija-se a António Soares Valentim, no local indicado

Oficina de Serralheiro

Com todos os pertences e um grande armazem anexo, próprio para garagem

Casa com freguesia.

Vende-se: Tratar com José Joaquim dos Santos (José Ferreira), Largo do Trem—Tavira.



Voem para o
Rio de Janeiro

Para mais informações e marcação de lugares queiram dirigir-se às principais Agências de Viagens.

Brasil
Uruguay
Argentina

A KLM efectua um serviço rápido para o Recife, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires todos os Domingos e Quintas-feiras. A cortesia com que são tratados os passageiros e ainda o facto de serem utilizados nesta carreira os potentes «gigantes do ar» Douglas DC-6, fazem com que o público dê justa preferência à KLM.

**A MECANOGRÁFICA**

Praça Alexandre Herculano, 30 — FARO

TELEFONE 119

Reparações em máquinas de Escrever, Calculadoras, Somadoras, Balanças e Medidoras.

Agente no Algarve das máquinas de Escrever ROYAL; Registadoras NATIONAL; Balanças, Cortadoras e Basculas BERKEL; Medidoras e Cortadoras de Bacalhau, EXACTA, e Moinhos para café HOBART.

J. A. Pacheco**TAVIRA**

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Empresa de Publicidade Algarve, L.^{da}

«Tipografia Povo Algarvio»

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TELEFONE 127

Executa com a máxima perfeição
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS

A PREÇOS MÓDICOS

Fábrica de Carimbos

Aceitam-se encomendas para qualquer parte